

## QUARENTA ANOS DE ATAQUES CAPITALISTAS: COMO MUDARAM A CONDIÇÃO E O MODO DE PENSAR DOS TRABALHADORES<sup>1</sup>

Podemos errar, e mesmo muito, obviamente, mas vamos colocar desta forma: nos parece que entre os trabalhadores, e especialmente entre os mais jovens e os mais precários, não falta nem a raiva nem a vontade de se rebelar, mas esses sentimentos (ou instintos) são no momento dominados pela desconfiança, pelo medo, pela desorientação. Vamos tentar aqui explicar por que e como se chegou a este ponto. E vamos tentar ver, em seguida, de onde, querendo ou não, as lutas na Itália e na Europa recomeçam após quatro décadas de grandes transformações e ataques ininterruptos dos capitalistas e dos seus governos. Transformações e ataques que produziram uma *profunda mudança para pior* na condição de trabalho e de existência dos assalariados e muito enfraqueceram sua organização. Uma mudança que em alguns casos (Grécia, Leste Europeu, as novas gerações...) já tem características de um *cataclismo*.

Sobre esta mudança, nos limitaremos a chamar a atenção, aqui, para alguns processos distintos, mas estreitamente ligados entre si:

- 1) a transformação da divisão internacional do trabalho;
- 2) a transformação do conteúdo do trabalho;
- 3) a transformação da organização do trabalho;
- 4) a transformação do mercado de trabalho;
- 5) a transformação da ideologia dos trabalhadores.

---

<sup>1</sup> N.T.: Texto publicado originalmente em língua italiana na revista *Il Cuneo rosso*, n. 2, novembro de 2014, sob responsabilidade do Centro di Iniziativa Comunista Internazionale, em Marghera – Veneza, elaborado com a contribuição dos professores Pietro Basso e Rossana Cillo, da Universidade Ca'Foscari de Venezia.

A tradução para fins didáticos foi feita por Adriana D'Agostini, Célia Regina Vendramini e Mauro Titton. Os destaques em itálico e pelo uso de aspas ao longo do texto são dos próprios autores; textos entre colchetes [ ] são inserções dos próprios autores e entre chaves {} são inserções dos tradutores; as notas de rodapé não sinalizadas são dos autores e aquelas sinalizadas por N.T. são notas dos tradutores.

## Preâmbulo

Digamos desde já que o contexto geral em que estas transformações aconteceram foi o de *um crescimento gigantesco do trabalho assalariado em âmbito internacional* - um acontecimento histórico cuja importância não pode ser de forma alguma subestimada. De fato, na era neoliberal, aumentaram fortemente a população mundial, a massa de pequenos agricultores e trabalhadores expulsos dos campos da Ásia, da África e da América Latina, a entrada das mulheres no mercado de trabalho com o conseqüente enorme alargamento do exército proletário, ativo e de reserva. Estamos diante, portanto, não do fim do trabalho assalariado e do proletariado – como previsto por alguns “cientistas sociais” privados de pensamento – mas, ao contrário, de *um verdadeiro salto de quantidade e de qualidade na proletarização do mundo*, com uma *grande expansão da condição assalariada também na Itália e na Europa*, embora tenha contraído – aqui, certamente não no mundo – a classe operária da indústria. O primeiro efeito da enorme expansão, da globalização planetária, da socialização da classe trabalhadora, composta por mais de dois bilhões, talvez dois bilhões e meio de assalariados e assalariadas<sup>2</sup>, foi o *enorme crescimento de sua força potencial* e um nível de *mundialização* de suas fileiras, completamente desconhecido no passado. O “Proletários de todos os países, uni-vos” de 1848, tem assim, pela primeira vez, um efetivo conteúdo global e pode finalmente significar: proletários de todo o mundo, uni-vos!

Para as circunstâncias sócio-políticas específicas em que ocorreu, este processo produziu, porém – sobretudo nos últimos vinte anos – uma *generalizada desvalorização da massa de trabalho assalariado na Itália e na Europa* com uma crescente intensidade e duração da prestação de trabalho, crescentes taxas de desemprego, de precariedade estrutural, de pobreza. Revelar a desvalorização em curso da força de trabalho não tem nada a ver com a tese da perda da centralidade do trabalho assalariado no processo de acumulação capitalista. Em nossa análise, a violenta pressão do capital global, europeu, italiano sobre o trabalho vivo para baixar o seu valor e/ou impedir sua valorização na Ásia, na América Latina, no Oriente Médio,

---

<sup>2</sup> Existem estimativas muito diferentes a esse respeito. Por exemplo, M. Van der Linden, que propõe um conceito de classe trabalhadora “muito alargada”, incluindo nesta, todo o trabalho doméstico “mercantilizado”, faz uma estimativa de três bilhões. Conferir: “As greves não estão diminuindo, provavelmente estão se tornando mais importantes”, Entrevista com Marcel van der Linden, **Revista “Outubro”**, n. 20, 2012, p. 113 e segs.

se deve justamente ao fato de que, apesar de tudo, o trabalho vivo mantém sua *centralidade* na produção de mercadorias e no processo de acumulação de capital. A lei do valor não desapareceu de forma alguma, pelo contrário, sua vigência se *estendeu a outros campos*, em particular a setores dos chamados “serviços”, que antes permaneciam de certa forma protegidos dela.

O trabalho vivo conservou a sua centralidade<sup>3</sup> no contexto de um contínuo revolucionamento das condições “externas” e “internas” da produção de valor e mais-valor. Ao nosso ver, R. Antunes<sup>4</sup> aproximou-se muito da forma como o trabalho vivo se apresenta hoje em escala mundial quando o retratou como “expressão do *trabalho social*, [...] mais *complexo, socialmente combinado* e ainda mais *intensificado* em seus ritmos e nos seus processos”. E quando identificou a questão fundamental, teórica e prática, a ser abordada: o capital global tem “a necessidade imperiosa de reduzir a dimensão variável do capital e a conseqüente necessidade de expandir sua parte constante”, mas não pode eliminar completamente o trabalho vivo no processo de criação de valor, pois é o *único* fator que agrega valor ao valor antecipado. Deve, portanto, esforçar-se para torná-lo *sempre mais produtivo, ilimitadamente produtivo*. Porém, nos processos de produção, especialmente no Ocidente, já ocorreu uma “*lioofilização*” do trabalho vivo, um enxugamento extremo, a redução ao mínimo do trabalho vivo empregado. E isso torna mais complicado aumentar ainda mais a produtividade do trabalho executado em um contexto de fábricas, campos, escritórios, lojas, supermercados, altamente mecanizados e informatizados. Daí a necessidade capitalista igualmente imperiosa de diminuir *o valor do trabalho vivo* para ampliar as margens de lucro que a redução radical do uso de trabalho vivo e a desaceleração da acumulação no centro do sistema erodiram<sup>5</sup>. A *precarização estrutural* da força de

---

<sup>3</sup> Não é o caso de ficar impressionado com algumas estatísticas segundo as quais a cota salarial no volume de negócios já teria caído para 15-20%, sobretudo nas grandes empresas. É um dado falso, pois não considera a “parte” do trabalho vivo que está contida nos suprimentos para grandes empresas, nas máquinas, nas mesmas matérias-primas, assim como em muitos “serviços” essenciais às produções que foram terceirizadas. Tendo em conta tudo isso, M. Husson estimou que nos países ocidentais a cota salarial no volume de negócios ainda está em torno de 60%.

<sup>4</sup> Em Língua Italiana, tem dois livros do autor: **Addio al lavoro?** BFS, 2002; **Il lavoro in trappola**, Jaca Book, 2006; mas seus outros estudos são relevantes, tais como **O continente do labor**, Boitempo, 2011 e coleções de ensaios editados por ele: **Infoproletários**. Degradação real do trabalho virtual, Boitempo, 2009; **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**, Boitempo, 2013.

<sup>5</sup> Escreve L. Gallino: “Do início dos anos 90 em todo o mundo os investidores institucionais - especialmente fundos de pensões anglo-saxões, onde cada um tem carteiras com centenas de bilhões de dólares - pedem às empresas que o seu capital seja remunerado com taxas de 15-20% ao ano. [...] Mas como você obtém uma renda de 15-20% ao ano do capital investido em empresas quando a economia, ou seja, o PIB, cresce no melhor dos casos à taxa de 3% ao ano?” (Il lavoro non è una merce, Laterza, 2007, p. 41).

trabalho que ocorre há décadas em escala mundial é um aspecto central desse processo, e se acentuou em todos os lugares com a explosão da grande crise em curso. Este ataque ininterrupto à massa de assalariados, que continuamente estabelece para si os objetivos mais extremos, está intimidando os trabalhadores e ao mesmo tempo provocando-os a reagir com uma força e violência à altura dos golpes e abusos sofridos. Que os Warren Buffet&C. e os Marchionne possam se deleitar com o fato de estarem vencendo, até agora, a luta de classes que desencadearam, é compreensível.

Mas a história não termina aqui. Fim do preâmbulo.

Chegamos agora às grandes transformações ocorridas na assim chamada “era neoliberal”.

### **A transformação da divisão internacional do trabalho**

Como resultado do colonialismo histórico (1492-1945), se haviam formado *de um lado* uma metrópole imperialista (uma pluralidade de metrópoles imperialistas) que havia monopolizado a indústria moderna e as modernas forças produtivas do trabalho associado, *do outro lado* um imenso “campo”/ “periferia” composto pelos países colonizados ou semicolonizados dos continentes africano, asiático e americano, obrigados a abastecer as metrópoles/cidades com matérias-primas agrícolas e industriais baratas, com a relativa força de trabalho necessária, e a atuar como mercado de escoamento para a produção de mercadorias dos países colonizadores.

Este arranjo, fruto de processos cumulativos seculares, foi *primeiro* contestado pelas revoluções anticoloniais da segunda metade do século XX, que deram vida à múltiplas tentativas de construção de bases industriais nacionais “independentes”, “autocentradas”, protegidas, em substituição das importações, *depois* pelos deslocamentos industriais de empresas estadunidenses e europeias a partir da metade dos anos 1960 (um papel pioneiro foi desempenhado pela indústria têxtil), e se aceleraram após a crise de meados dos anos 1970. O resultado foi uma *mudança histórica* na estrutura territorial da indústria mundial: antes de 1945, menos de 10% dos investimentos industriais ocorriam fora do Ocidente e da URSS; ainda nos anos 1990 esta participação era de cerca de 20%; enquanto no final da primeira década do

século XXI havia subido para 50% do total e é destinada a crescer posteriormente<sup>6</sup>. Antes de 1945, cerca de 80% do proletariado industrial do mundo estava concentrado nos países ocidentais e na URSS, hoje a realidade se *inverteu*. E tal inversão atinge quase todos os setores, incluída a eletrônica de consumo. As únicas exceções importantes são a produção de máquinas para produção e a produção bélica. Um aspecto social e político de grande relevância desta inversão é o aumento da parcela de trabalhadores imigrantes dos continentes africano, asiático e americano no interior do proletariado ocidental (uma espécie de deslocamento *in loco*).

Os efeitos deste radical deslocamento da indústria mundial são tangíveis para além do muro das empresas industriais. Sobre isso, escreve de modo eficaz L. Gallino:

Ao seguir esses caminhos (investimentos estrangeiros diretos, deslocamentos, contratos etc.) as empresas americanas e europeias contribuíram notavelmente para colocar em competição entre si pouco mais de meio bilhão de trabalhadores com altos salários e amplos direitos, com um bilhão e meio de trabalhadores com salários irrisórios, mesmo para os padrões locais, e direitos mínimos, senão inexistentes. Pelas suas dimensões e a rapidez com que aconteceu – se quadruplicou em pouco mais de vinte anos – a formação de similar massa global de assalariados é um fenômeno sem precedentes na história. Em comparação, a formação do proletariado industrial na Europa e nos Estados Unidos na revolução industrial se estende ao longo de mais de um século [na realidade: além de dois séculos] e envolve, durante os anos 1800s e as primeiras décadas dos anos 1900, um pouco mais de cem milhões de pessoas. Os seus descendentes diretos são hoje cerca de meio bilhão. Somados aos novos trabalhadores do mundo empregados por uma empresa chega hoje a superar os dois bilhões<sup>7</sup>.

Esta extraordinária transformação – *não sozinha*, como veremos - tornou possível iniciar a “descida ao inferno” do proletariado europeu, preconizada em 1873 por Lord Stapleton no parlamento britânico: “Se a China se tornar um grande país industrial – ele disse – não vejo como a população operária europeia possa sustentar a luta sem descer ao nível de seus concorrentes”. O comentário de Marx foi: “o fim desejado pelo capital inglês não é mais o salário continental [ou seja, a redução do salário médio britânico ao nível do europeu médio, inferior ao da época], mas o salário chinês”<sup>8</sup>. Estamos muito *distantes* deste destino *final*, pelo menos no centro da Europa

---

<sup>6</sup> Ver The World Bank, Capital for the Future. Saving and Investment in an Interdependent World, 2013.

<sup>7</sup> Ver Il lavoro non è una merce, p. 137.

<sup>8</sup> Conferir **Il capitale**, Livro 1, cap. 22, nota 53, Ed. Riuniti (em 8 volumes). E, se possível, também os horários “chineses”. De fato, no editorial do “Financial Times” de 17 de fevereiro de 2006 a seguinte frase pode ser lida: “A longa marcha rumo à redução da jornada de trabalho acabou. Embora a redução

Ocidental (diferente é o caso de alguns países do Leste onde já há salários “chineses”, como na Romênia, na Bósnia, na Sérvia ou na Moldávia), mas as coisas estão evoluindo nessa direção.

### **A transformação do conteúdo do trabalho**

A segunda grande transformação que tomou forma nos últimos 40 anos está ligada à introdução das tecnologias informáticas nos processos produtivos, e colocou uma questão importante: talvez o conteúdo do trabalho assalariado tenha mudado tão radicalmente para considerar superado o antigo trabalho abstrato? E o capitalismo mudou tanto a si mesmo a ponto de considerar superada a “velha” categoria do valor-trabalho e, com ela, a “velha” lei do valor?

A questão se apresenta porque o advento da “era da informação” foi celebrado por uma massa de sociólogos e economistas bajuladores como o ingresso na era brilhante do trabalho de qualidade, rico de conteúdo, criativo, complexo, desenvolvido com autonomia, finalmente subtraído de qualquer medida quantitativa, capaz de superar a velha distinção entre ideação e execução, entre quem planeja a produção e aqueles que a realizam materialmente, entre direção e trabalhadores. Nestas hagiografias dos anos 1980 e 1990 se narrava (hoje, seguindo as duras réplicas da realidade, narra-se um pouco menos...) que o velho e penoso trabalho abstrato, parcializado, repetitivo, degradado típico das “velhas” fábricas tayloristas-fordistas, teria sido gradativamente substituído por uma espécie de trabalho-não-trabalho, qualificado, polivalente, flexível, organizado de modo horizontal em um contexto de empresas também horizontais, não mais hierárquicas, empresas-rede, descentralizadas, leves, verdadeiras e próprias comunidades de comunicadores, cooperativas ao máximo (quase fraternas). Empresas expressão e símbolo de uma “new economy”, uma nova forma de capitalismo, o *capitalismo cognitivo*, diferente de qualquer outra forma de capitalismo, um *capitalismo-não-capitalista*, marcado pela primazia do conhecimento e emancipado da obsessão pelo lucro.

---

do tempo de trabalho tenha sido uma importante medida de progresso social no século XX, é insustentável diante da concorrência da China e da Índia”. Está para ver se o processo pode continuar indefinidamente, ou se – como acreditamos – se reverterá em um bumerangue violentíssimo.

O que há de verdade nesta representação idealizada dos efeitos da revolução tecnológica centrada sobre os meios informatizados<sup>9</sup>?

Primeiramente que o trabalho no computador ou com o computador, a rede etc., é, *em geral*, um trabalho mais complexo do que o típico trabalho taylorizado porque o computador é uma máquina mais dotada de “inteligência”, ou melhor, mais *multifuncional* do que uma prensa, um torno mecânico, uma linha de montagem. Em certa medida, nisso se vem a atenuar a total separação entre ideação e execução, porque é exigido do trabalhador um *certo* grau de flexibilidade e de inovação, mesmo dentro de uma rígida “semântica prescritiva” composta por respostas e elaborações já codificadas e determinadas. Basicamente, pede-se ao assalariado informático/informatizado algo de mais complexo, menos passivo da simples obediência cega (o homem boi) de taylorística memória. Mas este pedido de maior “autonomia”, de maior ativação, e o reconhecimento social que se dá ao trabalhador informático/informatizado (“o teu trabalho é um trabalho *qualitativamente superior* ao velho trabalho operário, e tu és outra coisa que um operário”) colide com três dados de fato irremovíveis. O primeiro é que o trabalho realizado ao computador permanece assim mesmo, para a *massa* daqueles que o executam, um trabalho abstrato, de velocidade e intensidade (também emotivas) particular, ainda *superior* àquele do trabalho abstrato do taylorismo-fordismo. O segundo é que a “autonomia” e a “flexibilidade” extras exigidas impacta nas normas inflexíveis de produtividade e lucro as quais o trabalho assalariado de TI, como qualquer outra forma de trabalho assalariado, deve obedecer. A terceira é que as relações de trabalho da “era da informação” são marcadas pela instabilidade e precariedade cada vez mais extremas.

Este reverso da moeda se destaca com particular evidência nas condições de trabalho dos operadores de call center (vários milhões no mundo, já), assim descrito por R. Braga com base em pesquisa realizada no Brasil:

Do ponto de vista das características gerais do trabalho dos operadores ocupados nos call center, é possível colocar em relevo que: a) as operações de tele atividade são realizadas 24 horas por dia, 7 dias por semana e, portanto, os call center requerem uma grande disponibilidade de trabalhadores; b) em geral, essa disponibilidade

---

<sup>9</sup> Como se sabe, há uma variante de esquerda dessa *narrativa* nas obras de A. Negri e de outros, para os quais essa transformação tecnológica e o pós-fordismo informático “comunicativo” seriam fruto da “contracultura dos anos 70”, e a nova composição do trabalho “imaterial” teria traços cooperativos, comunicativos e afetivos inteiramente novos e substancialmente independentes, *autônomos do capital e das relações sociais capitalistas*.

está associada a difíceis condições de trabalho, o que resulta em um desempenho de trabalho altamente intermitente; c) este trabalho está estritamente submetido ao fluxo de informações: no final de uma chamada, segue a sucessiva, ou automaticamente (com intervalos de 0 a 20 segundos, segundo o tipo de operação), ou manualmente após no máximo dois, três toques.

Quanto à “liberdade criativa” que, segundo os literatos da “escola cognitivista” seria naturalmente inerente às tecnologias informáticas, a realidade efetiva dos call center a reduz a bem pouco, à mera “invenção de subterfúgios” para de alguma forma sair do controle informático ou, quando possível, à contratação de “margens reduzidas de autonomia”. Isto porque na maioria dos casos

O trabalho do teleoperador é fundamentalmente regulado pelo fluxo de informações, prejudicado pelo caráter rotineiro da comunicação e subordinado a um rígido *script* (programa), cujo objetivo central é aumentar a eficácia comercial e reduzir o tempo de conexão, visando o número de chamadas a serem feitas por hora de trabalho. Assim, a autonomia do operador individual é significativamente reduzida uma vez que os supervisores ouvem as comunicações para verificar se o programa está sendo cumprido.

A elevada percentagem de supervisores (em média um em cada quinze a vinte operadores) se explica pela necessidade de controlar ao máximo os operadores, para evitar que diminuam a velocidade e, sobretudo, que interrompam o fluxo das comunicações. Em última análise, se trata de um tipo de trabalho que testemunha, como nenhum outro, a *taylorização do trabalho intelectual* e do campo das relações de serviço: uma comunicação instrumental sob a coerção do fluxo de informações e prisioneira do *script*, que tende a transformar o teleoperador em uma espécie de *autômato inquieto*. Os objetivos são claros: multiplicar as operações e diminuir os seus custos por meio da redução da comunicação a algo puramente instrumental.

Com a taylorização no campo das relações de serviço e a automatização em curso do trabalho dos teleoperadores, os incrementos de produtividade são obtidos a custo de um forte aumento do cansaço físico, da postura automatizada, dos contratos de trabalho a tempo parcial, do desinteresse pelo que se faz, das tonturas causadas pela quantidade de chamadas, das lesões por esforços repetitivos etc. Em poucas palavras, tudo contribui para a degradação das relações de serviço como um todo, que a cada dia se desgasta mais com as exigências impostas pelo aumento da produtividade<sup>10</sup>.

Outros autores de *Infoproletários* nos falam da Índia, do Caribe, do Canadá etc., revelando por aquilo que concerne à organização e ao conteúdo do trabalho as

---

<sup>10</sup> Conferir R. Braga. A vingança de Braverman: o infotaylorismo como contraponto. In: R. Antunes, R. Braga (orgs.), **Infoproletários**, cit., p. 70-72.



mesmas tendências de fundo. *Nem na Itália as coisas são diferentes*<sup>11</sup>. E não é por acaso que os padrões dos call center têm uma particular predileção por instalá-los no centro-sul do país {Itália}, ou deslocá-los para a Albânia, a Romênia, a Sérvia, a Tunísia, e assim por diante.

Poderiam facilmente nos fazer uma objeção: os operadores de call center são a camada mais achatada do *cybertariat*, do *infoproletariado*, portanto a sua condição não pode ser considerada. Para nós, ao contrário, esta condição *antecipa* aquela que está destinada a se tornar, em tendência, a condição *da massa* dos trabalhadores da informática que hoje são, ou podem parecer, muito mais qualificados: web designer, web editor, editores de conteúdo, editores de mídia social, montadores, gráficos, crowd working, especialistas em design de som etc. E isso porque uma parcela cada vez maior do trabalho por eles realizado será incorporada a novos programas e novos procedimentos padronizados. Afinal, é a experiência vivida pelos programadores a partir dos longínquos anos 1970 quando, se se tiver um olhar crítico, já se podia falar em organização taylorista do trabalho de programação de software<sup>12</sup>. Hoje basta ainda menos; é suficiente um certo grau de objetividade presente, por exemplo, em S. Head, para ver quanto a parte *predominante* do trabalho vivo empregado em “serviços” é,

---

<sup>11</sup> Conferir P. Caputo (org.). **Call center, la morte delle parole**, The Writer Editions, 2013, no qual se destaca fortemente – para além, talvez, e em contraste com a ideologia de alguns dos autores – a exploração e a “alienação sistemática” típicas do “trabalho cognitivo”, e o fato de alguns elementos-chave do “modelo fordista” permanecerem inalterados nos call centers, desde o parcelamento de tarefas ao rígido controle do tempo, que se sobrepõe, sem os negar, a uma gestão altamente discricionária e individualizante da relação com os colaboradores animada por uma retórica consensual. Muitos escreveram sobre as técnicas de manipulação das empresas de call center, começando por M. Murgia com o bem-sucedido “romance autobiográfico”, *Il mondo deve sapere*, ISBN, 2006. Uma coleção de aforismos e ditados famosos de gerenciamento de call center seria extremamente interessante, para provar, se necessário, o quão longe da realidade está a ainda dominante representação cor-de-rosa do “trabalho cognitivo”. Mencionamos apenas três: “Viemos aqui [para a Calábria] porque vocês estão morrendo de fome”; “Pessoas de sucesso fazem o que os fracassados não gostam de fazer. Não se esqueçam quem somos: os melhores” (isto na Italcara de Florença, onde os padrões também usavam o chicote para “solicitar” aos telefonistas-vendedores de aspiradores de pó passados por objetos sanitários); “Lembre-se do Full metal jacket? O soldado disse: ‘O meu fuzil é meu melhor amigo, minha vida; sem meu fuzil, eu não sou nada’. Nosso rifle são fones de ouvido. Temos que saber acertar no alvo com eles” (Alex, líder da equipe de Mastercom de Assago)

<sup>12</sup> Ver P. Manacorda. **Il calcolatore del capitale**. Un’analisi marxista dell’informatica, Feltrinelli, 1976, p. 65 e segs. Em um fórum de 2014, quarenta anos depois de P. Manacorda, o programador Marco D. escreve: “Nós, programadores, somos os trabalhadores do novo milênio. A menos que sejamos gênios, é assim que as coisas são” [F. Sironi, Proletari digitali, “L’Espresso”, 26 de junho de 2014, p. 35]. Este mesmo relatório sublinha a feroz concorrência existente entre os “proletários digitais” e a tendência para baixar os seus salários e reduzir as garantias. Sintetiza em modo eficaz M. Tarantino: “Dado que muitas vezes falta reconhecimento ou um bom salário, os trabalhadores se convencem de que é justo ser um pouco explorado para fazer um trabalho inovador. Na realidade são trabalhadores, mas nem as empresas nem eles próprios se definem como tal. [...] a imaginação mudou, mas a substância capitalista permanece, mesmo para a indústria digital: poucos postos para verdadeiros criativos. Muitos por mão de obra de baixo valor agregado”.

em sua crescente abstração, em sua submissão a uma rígida pressão temporal, nos mecanismos de monitoramento e controle da execução do trabalho, bem como nos seus salários, *cada vez mais semelhante ao “velho” trabalho industrial taylorizado e toyotizado*<sup>13</sup>. A sua análise do processo de “industrialização do trabalho de colarinho branco” realizado no país líder da revolução da informática, destaca a relativa “skill debilitation” e a correspondente estagnação dos salários do “proletariado de colarinho branco”. Head relata uma observação muito interessante de Greenspan – o ex-grande chefe do FED {Federal Reserve, o Banco Central estadunidense}, alguém que do capitalismo sabe alguma coisa – a respeito da “percepção de que as habilidades qualificadas estão se tornando supérfluas em uma proporção sem precedentes na história da humanidade”.

Aqui está o ponto!

No seu início, a revolução informática, tanto nos “serviços” como (menos) na produção industrial, criou uma crescente articulação entre o trabalho material e o “imaterial”, com uma expansão das “atividades consideradas intelectuais, imateriais” e um efeito (em geral) de “complexificação da atividade laboral”. Mas a “terceira revolução industrial”, na sua estreita combinação de robótica e informática, é ao mesmo tempo *a mais radical poupadora de trabalho vivo e a primeira capaz de “banalizar”, pelo menos até certo ponto, uma multiplicidade de atividades “intelectuais”* – incluindo aspectos das profissões médica, enfermagem, jurídica, engenharia, bancária, arquivística, tipográfica, editorial, administrativa etc., para não falar dos tradutores, dos contadores, dos pilotos, dos projetistas de automóveis, dos meteorologistas, dos analistas juniores do mercado de ações e assim por diante<sup>14</sup>. Os seus efeitos são *altamente contraditórios*: por um lado, ao informatizar os processos de produção industrial, *reduz* a mão de obra pouco qualificada, por outro, provoca uma inaudita *aproximação* entre a condição operária e a condição de emprego, entre trabalho industrial e extra industrial que já foram altamente diferenciados. E essa aproximação ocorre *nos países europeus e na Itália* ao longo de um caminho *ladeira abaixo* da condição de trabalho média do assalariado, que envolve tanto os operários

---

<sup>13</sup> Conferir S. Head. **The New Ruthless Economy**, Oxford University Press, 2003.

<sup>14</sup> Este aspecto também foi destacado recentemente por dois economistas institucionais, como E. Brynjolfsson e A. McAfee em **Race Against the Machine**, 2011, segundo os quais “em suma, muitos trabalhadores (altamente qualificados em média) estão perdendo a corrida contra as máquinas”. P. Krugman, por exemplo, destacou que “agora o componente mais valioso de um computador, a placa-mãe, é fabricada na prática por um robô”, e é também por isso que várias empresas produtoras de itens hi-tech estão voltando para os Estados Unidos.

quanto os funcionários porque em uma área cada vez mais ampla de serviços a concorrência entre empresas e entre assalariados globalizou-se.

Na Itália e na Europa, uma nova figura do proletariado de massa está se desenvolvendo, o *proletário digital*, o *operário 2.0* (na Itália já existe meio milhão deles) que, embora esteja face a face com a mais moderna das tecnologias, é completamente diferente do que estar emancipado do trabalho abstrato e desvinculado da lei do valor. O seu trabalho, ainda que seja mais complexo que o trabalho do operário-massa, continua a ser um trabalho abstrato, fragmentado, desprovido da consciência do sentido global da informação que organiza e comanda o processo de produção, vinculado a respostas pré-definidas de outros (do Outro, ou: do capital). O que o diferencia do velho trabalho abstrato da fábrica é que este, ao invés de aferrar e ocupar totalmente o corpo do/a assalariado/a (e *consequentemente* incidir, e quanto!, na sua mente), ele aferra e ocupa em primeira instância a sua mente (e somente *em segundo lugar* seus músculos, tendões, olhos etc.). O capital aposta fortemente nesta diferenciação para convencer os infoproletários de que, trabalhando com a mente, eles são tudo menos proletários e para implementar uma série de expedientes que sirvam para *individualizar ao máximo* a relação de trabalho (incentivos, horários discricionários etc.). E tem feito isso até agora com algum sucesso, se bem que, salvo exceções neste caso verificáveis sobretudo na Itália (a luta na Atesia<sup>15</sup>, para todas), a resistência e a conflitualidade foram sendo limitadas e prevalentemente individualizadas. No entanto, o processo de produção informatizado *exige* um desempenho ainda *mais intenso* do que o “tradicional” em termos da atenção, da emoção, do envolvimento integral dos funcionários, uma ativação incondicional dos mesmos de acordo com os códigos, a lógica, a finalidade da empresa. E esse *totalitarismo do “capitalismo cognitivo”*, possuído pelo demônio do *just in time*, mostra o melhor que se pode a *extensão da lei do valor*, não a sua *extinção*.

Este mesmo fenômeno, de grandíssima importância social e política para o destino da revolução social, se pode observar de um outro ponto de vista. A restrição *estrutural* da lucratividade na agricultura e na atividade industrial (em sentido lato, incluídos a construção, os transportes, as comunicações, a elaboração de projetos,

---

<sup>15</sup> N.T.: Referência à luta empreendida pelos trabalhadores da empresa de call center Atesia, cuja sede fica na periferia de Roma, e que conta com aproximadamente 4.000 trabalhadores, o que a torna no maior call center italiano e num dos maiores da Europa.

os serviços para indústria etc.), seguido do crescente emprego de máquinas<sup>16</sup>, têm empurrado os capitais globais sedentos de novas fontes de lucro a atacar e reorganizar, também graças aos novos meios técnicos, uma série de campos de atividade que eram *ao menos em parte e de modo parcial* subtraídos à imediata vigência da lei do lucro: do fornecimento de água aos serviços de saúde, dos serviços sociais à educação, dos correios aos cárceres, dos transportes públicos aos sistemas de aposentadoria etc. Essa reorganização resultou na redução da ocupação (em termos absolutos ou relativos) nestas atividades, na intensificação e aceleração do trabalho e na “comercialização” dos direitos aos “benefícios sociais” (corte ao salário indireto, que é um outro aspecto da desvalorização do trabalho vivo). De modo geral, portanto, houve uma grande expansão das relações de produção e circulação “puras” historicamente típicas da produção industrial, com um entrelaçamento mais estreito, “uma maior inter-relação, uma maior interpenetração, entre atividade produtiva e improdutiva, de fábrica e de serviços” (Antunes).

Uma grande transformação dos processos produtivos então, que impõem uma realidade do trabalho assalariado *ampliada, mais complexa, mais socializada, mais combinada*, mas certamente não mais livre do que antes das leis da exploração e da opressão capitalista do trabalho.

## **A transformação da organização do trabalho**

Nas últimas décadas, a principal transformação na organização do trabalho foi a passagem do taylorismo para o toyotismo. A nossa ênfase, nos últimos anos, recaiu sobre a substancial continuidade entre taylorismo e toyotismo, palpável sobretudo na obsessão por zerar os tempos mortos e na regra fundamental do *just-in-time*, exceto por ver no toyotismo um relevante passo *avante* na apropriação das qualidades mentais/intelectuais dos trabalhadores pela empresa e no corporativismo dos trabalhadores e dos sindicatos. Outros, ao contrário, insistem nos elementos de descontinuidade parcial. E entre estes destacam a figura do trabalhador multifuncional, que trabalha em várias máquinas (em média 5); as múltiplas medidas e práticas destinadas a cooptar os trabalhadores como membros de uma “mesma

---

<sup>16</sup> Por estrutural entendemos “orgânico” e não estável, porque o crescimento da composição orgânica *não* é linear, e *não* produz quedas lineares na taxa de lucro subtraída dos ciclos e de toda uma outra série de fatores econômicos e extraeconômicos “contingentes”.

família”; a clara divisão entre o núcleo não restritíssimo de “trabalhadores vitalícios” e a maioria dos trabalhadores temporários; o sindicalismo empresarial oferecido aos trabalhadores mais zelosos como oportunidade de ascensão social; a chamada horizontalização da produção, ou seja, a transferência de uma série de atividades produtivas de dentro das grandes fábricas para uma vasta rede de empresas fornecedoras operando fora delas.

Estas duas ênfases diferentes convergem, porém, ao considerar que esta nova forma de organização comporta *a intensificação da exploração do trabalho*, a extrema compressão do tempo de trabalho - também devido ao método toyotista de reduzir ao mínimo a mão de obra, *um pouco abaixo do estritamente necessário* (95%, não 100%), exceto recorrer a trabalhadores temporários ou subcontratados em casos urgentes -, o aumento da velocidade da linha, um salário o mais individualizado possível. E um prolongamento da jornada de trabalho, com a máxima coincidência possível (em um país rico) entre o tempo de vida e o tempo de trabalho. Estas características do toyotismo, exportadas para os quatro cantos do mundo e fora do seu habitat industrial originário, contribuíram não pouco para um aumento *estrutural* (independente, vale dizer, dos ciclos de acumulação) do desemprego, e para uma redução igualmente *estrutural* de emprego na indústria dos países ocidentais.

Na era neoliberal, este novo “modelo” de organização do trabalho teve difusão planetária, porque *está bem sintonizado com a ideologia e as políticas neoliberais*, na medida em que introjetou as necessidades da competição global, do aumento incessante da produtividade do trabalho, da redução dos custos de produção e principalmente da força de trabalho. O despotismo típico do taylorismo e do fordismo é atenuado, pois a lógica do toyotismo é mais consensual, envolvente, participativa (concentra-se na autoativação dos trabalhadores em prol da “qualidade” dos produtos), manipuladora, mas o *efeito final* não é uma atenuação do processo de estranhamento dos trabalhadores em relação ao seu próprio trabalho, senão uma “aproximação ao limite” do processo de estranhamento. Não é um detalhe desprezível que na década de 1990 metade dos funcionários japoneses da Toyota tivessem denunciado doenças mentais mais ou menos graves...

A difusão do toyotismo se deu entrelaçada à tendência, especialmente na Itália, a passar, através da chamada empresa-rede, de uma estrutura industrial em grandes estabelecimentos para uma outra estrutura mais descentralizada, com um

estabelecimento central para *design* e acabamento, e um complexo de pequenas e médias empresas dependentes, naquelas onde se desenvolve por comissão<sup>17</sup> a grande parte do ciclo de produção (ver Benetton) - onde se vê claramente a função *centralizadora* da “rede” (no que diz respeito ao capital) e *estratificada* (no que diz respeito à força de trabalho) tão facilmente esquecida na exaltação acrítica do “capitalismo cognitivo” . De forte impacto nesta mesma direção foi também o *recurso sistemático a contratos individualizados*<sup>18</sup>, dentro e fora dos estabelecimentos maiores, bem como por parte das administrações e empresas estatais, porque criou uma *divisão estrutural* entre os trabalhadores da empresa “mãe” e aqueles das empresas contratadas ou subcontratadas<sup>19</sup>, muitas vezes de outras nacionalidades - sabemos algo por experiência direta na Fincantieri de Marghera<sup>20</sup> (e em outros lugares). Na logística, esta modalidade de organização do trabalho passa, especialmente na Itália, pela multiplicação de “cooperativas” com formas de superexploração e de violação quase sistemática dos mesmos contratos nacionais, como tem evidenciado a luta dos carregadores organizados com o SI-Cobas<sup>21</sup>.

O conjunto dessas transformações da organização do trabalho nas empresas e entre elas, as recorrentes crises e reestruturações, reduziram, *especialmente na Itália*, a classe operária da grande indústria, que foi a base do “velho” movimento operário. Golpearam-na em sua força quantitativa, diminuída cerca de 40% nas últimas três décadas, “como” o resto das ocupações industriais (em sentido estrito) no seu conjunto<sup>22</sup>; e, da mesma maneira, ainda que por efeito de outros fatores, na sua organização sindical e política.

---

<sup>17</sup> N.T.: comissão corresponde ao trabalho por peça ou por tempo efetivamente trabalhado.

<sup>18</sup> N.T.: sobretudo através da terceirização e da contratação via cooperativas de trabalho.

<sup>19</sup> N.T.: dentre as subcontratadas estão as terceirizadas de prestação de serviços ocasionais ou pontuais e as cooperativas de serviços e prestação de trabalho.

<sup>20</sup> N.T.: referência às lutas dos trabalhadores metalúrgicos contra a empresa Fincantieri (estaleiro), em Marghera, Veneza, na Itália.

<sup>21</sup> N.T.: Sindicato Intercategorial – Lavoratori Autorganizzati (Sindacato Intercategorial – Trabalhadores Auto-organizados).

<sup>22</sup> Em 1950, o emprego total na indústria italiana era de cerca de 32% do total de empregados, atingiu mais de 40% na década de 1970, caiu abaixo de 40% pela primeira vez em 1981, caiu pela primeira vez abaixo de 30% em 2009 (ano em que a agricultura está em torno de 3,8% e os serviços 67%). Nesse mesmo período, a participação dos operários no total de ocupados da indústria diminuiu, em favor dos empregados, técnicos e gerentes. Houve, portanto, uma relativa desproletarização das grandes fábricas italianas. No entanto, há que ter em conta os processos de terceirização e o fato de um certo número de trabalhadores por conta própria ou com atividades de tipo familiar, artesãos ou prestadores de serviços, terem sido transformados em assalariados de fato, pelo pagamento part-time {por trabalho efetivamente realizado ou por peça}, de empresas multinacionais. Uma atenção particular a esses processos está na investigação de Clash City Workers, Dove sono i nostri, Usher, 2014.

Mas a ofensiva capitalista não parou. E estão emergindo nos anos recentes tentativas de ir até *além* do toyotismo, numa mistura de taylorismo e toyotismo que visa a *mais completa desorganização dos trabalhadores no local de trabalho* e a mais completa liberdade de dispor da sua força de trabalho pelos capitalistas. Algumas das empresas mais bem-sucedidas dos últimos vinte anos, nos Estados Unidos (Wal-Mart, Apple, Amazon) e na Europa (Ikea, Ryanair), promovem em modo aberto e sistemático a ideia e a prática de uma empresa totalmente livre de sindicatos, nas quais as necessidades *individuais* dos trabalhadores *individuais* são atendidas diretamente pela gestão de recursos humanos ou pelas empresas de crédito. Enquanto na Itália volta a aparecer em algum canto da indústria que se manteve em boa saúde (Luxottica ou Tod's), o paternalismo empresarial de marca Marzotto/Lanerossi, com a empresa que *motu proprio* concede bônus aos funcionários pelos resultados de produção alcançados ou implementa formas de welfare corporativo para “reter” trabalhadores (de acordo com a linguagem zoológica de *management*) e afastá-los de qualquer perspectiva de conflito coletivo e organização de classe.

### **A transformação do mercado de trabalho**

Não menos relevantes foram as mudanças ocorridas no mercado de trabalho nos últimos quarenta anos. Para relembrar as principais:

a) a entrada massiva de mulheres no mercado de trabalho manual e intelectual em todos os países do mundo produziu um brusco aumento da oferta de trabalho, seja pouco qualificada ou qualificada, na presença de uma contenção tendencial da demanda de trabalho. Esta entrada massiva, que elevou a participação feminina na força de trabalho em escala mundial para 40% do total, é o resultado de dois impulsos *contraditórios*: a aspiração e pressão das mulheres, em todos os cantos do mundo, para sair dos muros das casas (“prisões domésticas”) para realizar trabalhos socialmente mais reconhecidos do que o trabalho doméstico; a demanda das empresas e dos mercados por um trabalho de menor custo, que é, na média, o trabalho feminino, por diversos motivos;

b) o forte crescimento dos movimentos migratórios dentro dos países de nova independência (ao ritmo, até agora, de 35-40 milhões por ano, para um total estimado de 740 milhões) que fez aumentar a migração internacional do Sul para o Norte do mundo, mas também do Sul menos desenvolvido para o Sul mais desenvolvido. Hoje,

esse fenômeno afeta mais de 215 milhões de emigrados internacionais (triplicaram em 60 anos) e está destinado a crescer ainda mais porque as causas de fundo que o determinam – as desigualdades de desenvolvimento, a industrialização capitalista da agricultura, os desastres ecológicos, as guerras, a estagnação ou declínio demográfico dos países mais ricos, o crescimento das expectativas das populações do Sul do mundo e, especialmente, das mulheres do Sul do mundo – são tudo, menos passageiras. E porque os Estados, as empresas e um número crescente de famílias italianas e europeias veem nesta força de trabalho o *protótipo do trabalhador “flexível”*, a baixo custo e baixíssimos (ou, se possível, zero) direitos, *forçado/a* a sê-lo mesmo contra sua própria vontade, e exigem quantidades crescentes, tendendo a ser ilimitadas, de modo a aumentar, com a oferta de trabalho, a concorrência *para baixo* entre assalariados em todos os setores de atividade. Mas mesmo neste caso há um evidente reverso da medalha, uma *internacionalização efetiva* da classe trabalhadora em todos os cantos da Europa, a multiplicação nela de “indivíduos empiricamente universais” pertencentes a todas as “raças” e nacionalidades do mundo, daqueles indivíduos (proletários) diretamente “inseridos na história universal”, que Marx e Engels previam como produto do desenvolvimento universal das forças produtivas;

c) o inchaço, também devido às recorrentes crises produtivas e financeiras, da massa de desempregados, subempregados, intermitentes, desalentados, especialmente entre os jovens. Para a OIT, o desemprego e o subemprego no mundo chegam a 800 milhões/1 bilhão de indivíduos, ou seja, pouco mais/pouco menos de 30% da força de trabalho mundial, enquanto na Itália as estimativas da CGIL<sup>23</sup> (e não só) apontam 3 milhões de desempregados, 3 milhões de desalentados, 3 milhões de trabalhadores que temem perder seus empregos no curto prazo, 9 milhões do total da força de trabalho, incluindo os autônomos, igual a 24-25 milhões;

d) a demolição, por parte de Estados e governos antes mesmo dos mecanismos espontâneos do mercado, do direito trabalhista resultante de décadas de lutas operárias, que haviam realizado *dentro de certos limites* uma ação de contraposição à desigualdade da composição de classes e proteção de certas garantias legais e de fato – sobretudo com acordos coletivos de trabalho nacionais e uma legislação válida para todos ou quase todos os trabalhadores; hoje, ao invés, é

---

<sup>23</sup> N.T.: Confederazione Generale Italiana del Lavoro (Confederação Geral Italiana do Trabalho).



possível rescindir facilmente os contratos nacionais, tanto se a empresa está em crise, quanto se faz investimentos;

e) a progressiva limitação, legal e de fato, com medidas administrativas e policiais, do direito de greve, começando pelos serviços públicos;

f) a introdução e generalização de formas contratuais temporárias, precárias, informais, interinas, falsas cooperativas etc., inclusive áreas crescentes de trabalho *inteiramente gratuito* para jovens na primeira ou segunda experiência profissional (estágios e similares).

O efeito global destas mudanças foi, *por um lado*, uma enorme expansão da massa de assalariados, no mundo, na Itália, na Europa, a sua maior internacionalização (de fato) e feminização, com uma redução de fato das distâncias entre nacionalidades (cada vez mais misturadas em todos os lugares) e entre proletários e proletárias, *por outro lado*, uma maior concorrência, precarização e fragmentação<sup>24</sup> da composição de classe, um *enfraquecimento geral das organizações sindicais dos trabalhadores*, dado que a taxa de sindicalização dos trabalhadores precários, dos membros de cooperativas, dos assalariados do comércio, da hotelaria e de restaurantes, dos serviços financeiros, de mulheres a tempo parcial, de quem trabalha por voucher etc., é *decisivamente inferior* à do passado, e em parte também hoje, daquela dos trabalhadores industriais.

## **A transformação da ideologia dos trabalhadores**

O quadro do ataque capitalista seria completamente incompleto se deixássemos de lado a ofensiva ideológica lançada em grande estilo pela classe capitalista nas últimas décadas, que moldou, mais do que gostaríamos de acreditar até agora, *mentes e sentimentos* de duas gerações de assalariados/as, e gradualmente enfraqueceu, reprimiu, dispersou a consciência de classe reformista das gerações trabalhadoras mais velhas. Não é o caso de idealizar o operário ou

---

<sup>24</sup> A precariedade é própria da relação de trabalho assalariado *como tal* porque o assalariado pode trabalhar, enquanto seja capaz de assegurar um lucro ao seu empregador; mas o *grau* dessa precariedade *variou* ao longo da história do capitalismo e de cada país. Foi um exagero propagandístico apresentar os “trinta anos gloriosos” (1945-1975) como a era do “trabalho vitalício”, como se esta fosse uma condição generalizada entre os operários, mas é fato que nas grandes empresas dos países ocidentais um número significativo de operários e proletários (pensamos, por exemplo, nas ferrovias) terminaram suas vidas laborais onde haviam começado. O que é quase impensável nos dias de hoje.

camponês do PCI<sup>25</sup> dos anos 1950 e 1960 – protagonistas daqueles duros embates com os patrões e com os governos democratas-cristãos aos quais tanto se deve os avanços da condição operária do pós-guerra e do ciclo das lutas, não só operárias, do final dos anos 1960 e início dos anos 70 – porque a sua ideologia estava, no entanto, imbuída de nacionalismo (mediado pela resistência); sua psicologia estruturava-se, apesar de tudo, de forma gregária (através do culto acrítico ao líder, Stalin, Togliatti<sup>26</sup> ou quem quer que fosse); sua visão da política foi gradualmente moldada por uma adesão supersticiosa à legalidade, às eleições, à democracia; sua visão das relações de gênero era muitas vezes mais próxima do tradicionalismo católico do que do comunismo. Mas, embora oprimidos por falhas tão pesadas, esses proletários tinham um *sentimento forte* dos interesses unitários da classe trabalhadora, da sua dignidade pessoal de produtores, do papel determinante da classe trabalhadora na sociedade e da necessidade do conflito organizado para fazer valer suas próprias necessidades e direitos violados. Todos os elementos que são muito raros de encontrar hoje, não apenas nos trabalhadores ou nas trabalhadoras “médios”, mas também nos mais ativos.

Se for considerar que, especialmente em períodos de baixo conflito, a ideologia dominante em todas as classes sociais, incluindo o proletariado, é aquela da classe dominante, esta verdade não pode ser usada para evitar o esforço de analisar o que aconteceu, e tentar identificar o que os pequenos núcleos de comunistas em campo podem fazer para ajudar a reverter o caminho de descenso da ladeira provocado pela temerosa deriva ideológica em curso.

Nas últimas décadas, a ponta de lança da ofensiva capitalista foi a ideologia “neoliberal”, uma repintura extremada e simplificada da histórica doutrina liberal, segundo a qual o indivíduo tem um papel central na vida econômica e social das nações e do mundo, na promoção do seu progresso material e cultural. Naturalmente, pois, não se trata de qualquer indivíduo, de todos os indivíduos, mas apenas do indivíduo *proprietário dos meios de produção*, do indivíduo que empreende, do indivíduo *capitalista*, ator na cena do mercado. De acordo com essa ideologia, o mercado tem o poder mágico de fazer coincidir os interesses privados dos indivíduos singulares, seus ganhos privados, com o interesse público e a utilidade pública. Mas

---

<sup>25</sup> N.T.: Partido Comunista Italiano.

<sup>26</sup> N.T.: Palmiro Togliatti, dirigente do Partido Comunista Italiano de 1927 até 1964, exceto de 1934 a 1938, quando foi membro do Comintern.

só tem esse poder se for assegurada a máxima liberdade de movimento e ação para os proprietários-individuais-de-capital, porque quanto mais for garantida a sua livre concorrência no mercado, mais a máxima utilidade geral é assegurada, o máximo bem-estar para todos. Por outro lado, qualquer limitação de tal liberdade individual que não seja estritamente necessária só pode ter, ao longo do tempo, resultados desastrosos para o desenvolvimento econômico e social das nações.

A fanática revivência destes temas, desta visão do mundo, teve um formidável impulso com a derrocada dos regimes do “socialismo real”. Com base nos escombros desses regimes<sup>27</sup> e no impasse-implosão-explosão contemporâneo de muitos processos de independência nacional (tomamos como exemplos dos três tipos: Cuba, Argélia, Iugoslávia) o *modelo de sociedade* “neoliberal” foi apresentado e passado como o *único possível*, o único capaz de funcionar. “Não há alternativa”: a fórmula cunhada por Thatcher foi martelada com fúria obsessiva para cravar os pregos salientes de volta na parede. De modo que gradualmente essa maré de pensamentos reacionários está transbordando das camadas não proletárias no campo proletário, conquistando hegemonia, não sem resistência, mesmo dentro do movimento operário organizado e da esquerda institucional. E então essa hegemonia tornou cada vez mais difícil “imaginar” não apenas relações sociais, mas até as relações de força entre as classes diferentes das atuais, por vezes desviando do rumo mesmo na “extrema esquerda” a perspectiva do socialismo, da revolução socialista.

Como resultado, duas gerações de proletários/as cresceram “despolitizados”, imbuídos de uma visão do mundo e de ideais burgueses, perdendo gradualmente o vínculo com o passado da classe e a memória do que foram na Itália, na Europa, no mundo as batalhas épicas dos proletários contra os capitalistas, contra os governos dos capitalistas e o sistema social capitalista. Primeiro, o revisionismo histórico antioperário, o verdadeiro e próprio esquecimento da luta de classes anticapitalista, depois, prepararam o terreno para uma espécie de *aceitação fatalista* do capitalismo, mesmo com todas as suas contradições e vergonhas. Neste clima, os assalariados e os precários mais jovens introjetaram nas últimas décadas a inevitabilidade da sua sujeição ao capital, a inevitabilidade da redução do “valor do trabalho” a algo marginal

---

<sup>27</sup> Para os comunistas internacionalistas, o colapso de 1989 teve um efeito esclarecedor “libertador” na medida em que os descendentes do stalinismo derrubaram definitivamente até a forma mais branda de “reivindicar” a perspectiva socialista (a ponto de maldizê-la), mas teve o efeito diametralmente oposto, depressivo sobre os operários, os trabalhadores, os camaradas de base dos partidos stalinistas, quase sempre os elementos mais combativos do movimento proletário.

senão irrelevante. Ao estabelecer a inevitabilidade de tal rendição aos poderes dominantes, foi fundamental na Itália, especialmente entre os operários, a campanha política contra o “terrorismo” das BR<sup>28</sup>, porque serviu para alinhar a grande maioria dos trabalhadores mais combativos, para não mencionar os outros, *com o Estado* e, portanto, *com o capital*. Um alinhamento reafirmado de modo chauvinista-imperialista pelas campanhas de guerra e racista contra o “terrorismo islâmico”, o islamismo, os imigrantes árabe-“islâmicos”, os ciganos, as populações imigradas em bloco.

### **O berlusconismo, uma praga para a classe trabalhadora**

O berlusconismo foi a variante italiana desta venenosa ofensiva global pela “conquista de mentes”, que não hesita nem mesmo diante da retomada do colonialismo e do fascismo. O papel do partido do *il Cavaliere*<sup>29</sup> nos meios de comunicação de massa e nas demais “instituições de cultura” foi, neste campo, central: seja no espaço da ideologia e da moral individualista (“todo mundo é empresário de si mesmo”, “todos devem aprender a vender-se pelo melhor no mercado”<sup>30</sup>, “todos são árbitros de suas próprias fortunas, então se você falhar, é porque você é um fracasso” - o bocconiano Briatore docet<sup>31</sup>); seja na acusação de toda a tradição do movimento operário, a ponto de engendrar nos membros dos antigos partidos “operários” até um *sentimento de culpa* ao se declararem como tais; seja ao lidar com o sexismo ao mostrar às assalariadas onde seu “valor agregado” deve ser valorizado dentro das empresas e no grande mercado. Igualmente fundamental foi o seu aparato na socialização de uma visão de “política” totalmente alheia ao protagonismo das massas trabalhadoras, suplantadas pelo miserável

---

<sup>28</sup> N.T.: Brigate Rosse. Em referência às Brigadas Vermelhas: foi uma organização política italiana de extrema esquerda, considerada por muitos como uma organização terrorista, constituída em 1970 para propagandear e desenvolver a luta armada revolucionária.

<sup>29</sup> N.T.: Em referência à Silvio Berlusconi (1936-2023), conhecido como “*il Cavaliere*” (O Cavaleiro). Bilionário, empresário e político, ocupou o cargo de primeiro-ministro durante nove anos no total. Foi proprietário do clube de futebol Milan, proprietário do império italiano de mídia *Mediaset*, com controle dos principais meios de comunicação do país e dono de bancos e empresas de entretenimento. Acusado de corrupção e ligação com a máfia. Foi motivo de muitos escândalos, incluindo abuso de poder e prostituição de mulheres, até mesmo menores.

<sup>30</sup> Esta ideologia adapta-se bem a novos contextos de trabalho, onde se ensina que para se conseguir um emprego permanente é fundamental pensar apenas em si, bajular os chefes e o patrão e, se necessário, ser um delator.

<sup>31</sup> N.T.: em referência ao “ensinamento” do empresário italiano Flavio Briatore aos estudantes da Università Bocconi Milano, conhecida na área de economia e negócios: “Trabalhem como garçons, os meus ganham cinco mil euros ao mês apenas de gorjeta”.

protagonismo dos “personagens”, dos líderes – e no contraste às “velhas” formas de atividade política *direta*, novas formas *mediatizadas* de *aparente* participação, de *aparente* protagonismo, capazes de absorver e exaurir aquela vontade de luta presente na classe.

De Berlusconi e do berlusconismo foi feita uma crítica liberal do ponto de vista da democracia liberal<sup>32</sup>, também foi contestada a implantação neoliberal de suas políticas econômicas (aliás nem sempre coerente, do lado do capital). Mais raramente tem sido falado, na esquerda anticapitalista, sobre o perfil da profunda transformação que se produziu na ideologia, no modo de pensar, de ver, de sentir, na capacidade de imaginar, da (quase) generalidade dos proletários e das proletárias. E é justamente sobre isso que caberia investigar mais, porque neste aspecto o dano provocado à nossa causa foi igualmente profundo e duradouro. De fato, apesar de nos últimos dois-três anos o PdL<sup>33</sup> e a Lega<sup>34</sup> terem sido fortemente redimensionados no plano político e eleitoral, o seu legado político, cultural e moral está vivo. Não apenas entre os grupos que tradicionalmente lhe deram sustentação, mas também entre os partidos de centro-esquerda – agora cada vez mais berlusconizados e ligatizados – dentre os sindicatos que, mesmo quando estão divididos, propagandeiam unitariamente a aceitação dos ditames do mercado e das empresas, e entre as fileiras dos trabalhadores, que estão malditamente em dificuldade no sentir-se classe e no reconhecer seus próprios interesses como antagônicos àqueles do capital.

Atribuir essa infeliz condição dos trabalhadores apenas a Berlusconi, apenas ao berlusconismo, faria rir. Porque é evidente que a força particular desse fenômeno se deve principalmente aos *fatores objetivos* que lhe abriram caminho. Entre eles, foi de primeira importância a longa fase de desindustrialização iniciada na década de 1980 e em curso até hoje. A partir do final dos anos 1970, patronato e governos têm perseguido intencionalmente o desmantelamento da fábrica de massa, para fazer desaparecer aqueles que foram os verdadeiros e próprios centros do movimento operário, os centros de onde partiram as lutas mais significativas dos anos 1960 e 70. Por um lado, esta operação foi acompanhada pelo realinhamento de categorias empregadas em uma função antioperária (um realinhamento que encontra seu

---

<sup>32</sup> Ver, por exemplo, P. Flores d'Arcais. **Fascismo e berlusconismo**, no “Micromega on line”, 5 de setembro de 2013.

<sup>33</sup> N.T.: Popolo della Libertà (Povo da Liberdade) – foi um partido político italiano.

<sup>34</sup> N.T.: Lega Nord (cujo nome oficial e completo é Lega Nord per l'Indipendenza della Padania – Liga Norte pela Independência da Padania) é um partido político italiano.

símbolo na marcha dos 40.000 quadros da Fiat<sup>35</sup>) e o distanciamento de uma parte do proletariado engajado direto na luta de classe, devido ao medo de demissões retaliatórias, ao empobrecimento, ao desemprego crescente vinculado à introdução de novas tecnologias, em poucas palavras, ao violento ataque às conquistas dos trabalhadores implementado pelo capital para sair da crise. Por outro lado, foi acompanhado pela ascensão e sucesso do modelo Nordeste de “fábrica difusa”, que contribuiu para difundir a ilusão de uma emancipação da condição operária através da transformação/promoção dos proletários em uma multitude de patrõeszinhos, e – mais em geral – a introdução de novas modalidades de organização dos processos de trabalho, de novos contratos de trabalho, de uma nova estrutura do salário, que favorecem a não solidariedade entre os trabalhadores. Os impulsos provenientes destas transformações modificaram a longo prazo a própria composição da classe trabalhadora, mudando as relações de força claramente a favor do capital, e fazendo decrescer as bases que permitiram tanto a afirmação do reformismo quanto dos próprios movimentos de protesto dos anos 1960 e 70. A sorte, o triunfo do berlusconismo na Itália, portanto, se assenta sobre complexas transformações objetivas que o favoreceram (justo para não fazer dele um deus...) e é ligada ao destino do neoliberalismo em escala global.

Duas palavras, agora, sobre enraizamento, tanto a nível individual como coletivo, dos ideais e da moral neoliberal operada por Berlusconi e os seus.

### *Individualismo*

Para o pensamento neoliberal em versão berlusconiana, a par da sua versão thatcheriana, perseguir de modo calculado e racional o próprio interesse individual não é só um imperativo econômico, é também e sobretudo um dever moral. Porque somente diante da presença de uma multitude o mais ampla possível de tais indivíduos a sociedade extrai força vital e dinamismo, e consegue renovar-se incessantemente nos contínuos desafios que os indivíduos plenos de iniciativas

---

<sup>35</sup> N.T.: A “marcha dos 40.000 quadros da Fiat” foi uma manifestação antissindical promovida pela empresa e ocorrida em 14 de outubro de 1980 na cidade de Torino, sede da empresa. Segundo analistas, marcou uma mudança de época, assinalando o início de uma mudança radical na relação empresa e sindicatos em toda a Itália. Para uma aproximação, conferir, dentre outros: POLO, Gabriele. SABATTINI, Claudio. **Restaurazione italiana**. FIAT, la sconfitta operaia dell’autunno 1980. Alle origini della controrivoluzione liberista. Roma: Manifesto Libri, 2000.

propõem a si mesmos e aos outros. Tais indivíduos são, é óbvio, os empreendedores. E aqui volta com Berlusconi, em outro contexto, o lema com o qual De Gasperi zombava alguns camponeses: “Nem todos proletários, mas *todos proprietários*” (como e onde foram parar os camponeses que nele acreditaram, é fato conhecido). “Não todos proletários (miserável e desventurado), *todos empreendedores* (prósperos e “sortudos”): esta, em poucas palavras, a proposta do il Cavaliere com o primeiro e fundamental spot publicitário constituído da própria vida pessoal, cuidadosamente remodelada a lifting, é claro. E se não propriamente empreendedores capazes de acumular fortunas iguais às suas, pelo menos “empreendedores de si mesmos”, pessoas que no mercado, sem olhar na cara de ninguém, e menos ainda para os interesses da coletividade, no entanto procuram obstinadamente o seu próprio sucesso (financeiro), que é a única medida das qualidades pessoais. O número inacreditável de pequenos acumuladores dos quais a Itália está infestada serviu de caixa de ressonância para esta mensagem, em particular entre os operários, que certamente não estão separados dos pequenos patrões por uma muralha chinesa. No entanto, nem no mítico Nordeste, nem nos lendários anos 1990, era possível a transformação em massa de proletários em capitalistas, esta ideologia da luta de todos contra todos, do *homo homini lupus* (mas propagandeado por uma *jena ridens*), encontrou aplicação nos lugares de trabalho na busca exclusiva de benefícios *individuais*. Deste modo, aos mecanismos objetivos de atomização da classe, foram adicionados aqueles subjetivos.

### *Anticomunismo*

Para muitos, mesmo de esquerda, o anticomunismo do Cavaliere era visto como uma obsessão paradoxal. Vice-versa, houve método naquela aparente “folia” (ou fobia). Porque a inesgotável investida de seus jornais e de seu império midiático contra tudo aquilo que remotamente cheirasse a “comunismo” – não no sentido do comunismo de Marx ou Lênin, mas no sentido da limitação, mesmo mínima, dos poderes inquestionáveis dos patrões, dos proprietários, dos privilégios da propriedade privada, do dinheiro acumulado, do lucro – servia (e serve realmente) para *deslegitimar pela raiz* a perspectiva de uma forma de sociedade fundada sobre a supressão da propriedade privada dos meios de produção e dos resultados do trabalho e ao mesmo tempo toda forma de solidariedade, de união, de ação de luta

comum dos não-proprietários, dos despossuídos, catalogada como uma velha ferramenta a ser descartada, assim como o conceito, a própria ideia, *de classe*.

### *Sexismo (neopatriarcalismo)*

Por meio de seus canais de TV e de seu comportamento público, fazendo de si mesmo um modelo a ser imitado, Berlusconi foi também o principal propagador do *neopatriarcalismo*, da ressubmissão da mulher em versão neoliberal.

A mercantilização e redução das mulheres às suas funções sexuais certamente não é exclusividade do berlusconismo. Em âmbito mundial, essa função foi realizada diretamente pela indústria pornográfica, indiretamente pela indústria da mídia de massa, que tomou emprestado o imaginário degradante da primeira a ponto de normalizar a representação pornográfica da mulher, das mulheres, da relação homem/mulher. No entanto, no caso italiano, Berlusconi e o berlusconismo tiveram um papel de primordial importância na *redução gradual do limiar* de aceitação da mercantilização da relação homem/mulher, movendo-a continuamente para baixo. Os programas comerciais das televisões Mediaset e (a partir de certo ponto) das televisões estatais contribuíram de fato em maneira científica para 1) difundir o ideal da mulher objeto, ou seja, a ideia de que o papel social da mulher se reduz à sua função de objeto sexual<sup>36</sup>; 2) difundir a ideia de que a mulher só pode realizar-se plenamente e “emancipar-se” econômica, social e politicamente explorando seu próprio “capital erótico”, o próprio corpo e o próprio comportamento de acordo com cânones hiper sexualizados, colocando-se “à disposição” da “comunidade masculina”, tornando-se “apetitosa” por meio do cuidado extremo com o próprio corpo, investindo nele, valorizando-o segundo os cânones impostos para transformá-lo em bens sexuais de circulação “livre” no mercado.

---

<sup>36</sup> Na moralidade sexual neoliberal, o papel reprodutivo das mulheres fica em segundo plano. Comparado com o sistema de dominação binária típico do patriarcalismo individual das sociedades pré-capitalistas e do próprio patriarcalismo burguês, que reduzia as mulheres tanto ao seu papel reprodutivo quanto ao papel de objetos sexuais, trata-se de um salto qualitativo cujas causas se encontram também na tendência a destruir, se possível, toda forma de socialização, que caracteriza a perspectiva neoliberal.



A difusão dessa droga serviu sobretudo *para recolocar as mulheres “em seu lugar”* – muito além da vila de Arcore<sup>37</sup> – na estrutura hierárquica da sociedade, para empurrá-las a uma nova forma de passividade política após a crescente participação nas lutas sociais do pós-guerra. A operação foi realizada com evidente vulgaridade, mas também com certa habilidade, conseguindo curvar para esses fins a linguagem e o imaginário da emancipação feminina do patriarcalismo tradicional e escravizá-la às necessidades de dominação do patriarcalismo coletivo.

Essa propaganda serviu ao mesmo tempo para *desvalorizar as mulheres como trabalhadoras* e, portanto, por meio da sua desvalorização, desvalorizar toda a força de trabalho. A ideologia neoliberal e sua versão berlusconiana conseguiram, assim, ao menos em parte, neutralizar e até mesmo perverter o valor emancipatório da entrada da mulher no mercado de trabalho - um processo que, ao tempo que mercantiliza a mulher enquanto força de trabalho, também estabelece as condições materiais para sua libertação dos vínculos de dominação postos pela sociedade patriarcal.

Mas este assédio incessante serviu ao mesmo tempo *para recolocar também os homens em seu lugar*, chamando-os a participar pessoalmente, diretamente, efetivamente, da ressubmissão da mulher. A mercantilização dos corpos das mulheres tem, de fato, como corolário a transformação da relação homem/mulher em um processo de subordinação renovada em que se reproduzem as relações existentes no mercado. E se tratou, evidentemente, de um processo que atravessou todas as classes sociais, legitimando esses comportamentos também entre os trabalhadores e as trabalhadoras. Dorme quem não vê que a violência física e psicológica contra a mulher, intimamente ligada a dinâmicas semelhantes, continua muito difundida. Não só no “profundo Sul”, mas também no profundo Norte, onde – entre outros – a prostituição de rua cresceu consideravelmente nas últimas décadas e o estupro étnico de menores estrangeiras está se normalizando.

É preciso intenso cuidado desintoxicante. Começando com uma nova revolta em massa de mulheres: luta, luta, luta, não parar de lutar! E a redescoberta de que existe uma moral capitalista e existe a nossa moral (precisamente: de luta). De luta contra tudo o que degrada a mulher e os seres humanos.

---

<sup>37</sup> N.T.: referência à uma das residências de Sílvio Berlusconi.

## **Contradições explosivas, que explodirão**

Como dissemos no início, o efeito combinado, na Itália e na Europa, dessas transformações e do grande ataque capitalista a todos os setores de nossa classe foi uma desvalorização global da força de trabalho<sup>38</sup>, a intensificação da competição entre proletários/as em países individuais e em escala mundial, e a justificação ideológica de ambos os processos. Porém, com um *formidável contraponto*: o campo do trabalho assalariado expandiu-se enormemente; os nexos entre as suas seções nacionais, e entre os homens e mulheres que os compõem, se fortaleceram mundialmente; a prestação de trabalho tornou-se mais intensa do que nunca, assim como o peso das restrições de tempo; a jornada de trabalho voltou a se alongar e tende a romper todos os limites; a precariedade tornou-se estrutural, e tolera cada vez menos exceções; o desemprego não dá sinais de diminuir; a área dos trabalhadores mergulhados na pobreza se estende; uma ampla parcela das classes médias está se proletarizando ao longo do tempo. É *um acúmulo de contradições explosivas*, ainda mais porque ocorre em meio a uma nova revolução técnica de enormes potencialidades libertadoras. Até agora, os fortes poderes europeus e italianos conseguiram retardar sua explosão em cadeia, contendo, isolando e quase sufocando os primeiros focos, a começar pela Grécia. Mas não pode durar para sempre. A grande crise não resolvida, quer evolua para conflitos bélicos ainda mais devastadores dos que aqueles já em curso, quer se limite, por mais alguns anos ainda, à mera intensificação da competição econômica, está jogando gasolina no fogo.

Mais cedo ou mais tarde, o fogo inevitavelmente explodirá na Itália e também em toda a Europa. *E em seu seio, em um contexto tornado incandescente pelo extremismo capitalista, tomará corpo e forma um novo movimento proletário.*

---

<sup>38</sup> Na União Europeia dos 15, a participação dos salários no PIB caiu de 1980 até hoje de 68% para 58% (dados fornecidos por L. Gallino em "la Repubblica" de 20 de maio de 2014), um pouco menos do que em todos os países da OCDE, onde os 10 pontos foram perdidos entre 1999 e 2011. Esta lacuna está na base da insistência da Troika nas "reformas" antitrabalhadores.